

SOBRE A DOUTRINA DE ESPINOSA  
EM CARTAS AO SENHOR  
MOSES MENDELSSOHN



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

ANTONIO JOSÉ DE ALMEIDA MEIRELLES

Coordenadora Geral da Universidade

MARIA LUIZA MORETTI



Conselho Editorial

Presidente

EDWIGES MARIA MORATO

ALEXANDRE DA SILVA SIMÕES – CARLOS EDUARDO ORNELAS BERRIEL  
CARLOS RAUL ETULAIN – CICERO ROMÃO RESENDE DE ARAUJO  
DIRCE DJANIRA PACHECO E ZAN – IARA BELELI – MARCO AURÉLIO CREMASCO  
PEDRO CUNHA DE HOLANDA – SÁVIO MACHADO CAVALCANTE

FRIEDRICH HEINRICH JACOBI

*Sobre a doutrina de Espinosa  
em cartas ao senhor  
Moses Mendelssohn*

Introdução e tradução  
Juliana Ferraci Martone

EDITORA  
UNICAMP

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO  
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP  
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO  
Bibliotecária: Maria Lúcia Nery Dutra de Castro – CRB-8ª / 1724

---

J15s Jacobi, Friedrich Heinrich.  
Sobre a doutrina de Espinosa em cartas ao senhor Moses Mendelssohn / Friedrich  
Heinrich Jacobi; introdução e tradução: Juliana F. Martone. – Campinas, SP: Editora  
da Unicamp, 2021.

1. Spinoza, Benedictus de, 1632-1677. 2. Filosofia alemã. 3. Causalidade (Filosofia)  
4. Ceticismo. 5. Sabedoria. I. Martone, Juliana F. II. Título.

CDD – 193  
– 122  
– 149.73  
– 306.42

ISBN 978-65-86253-90-0

---

Copyright © Friedrich Heinrich Jacobi  
Copyright © 2021 by Editora da Unicamp

Opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas  
neste livro são de responsabilidade do autor e não  
necessariamente refletem a visão da Editora da Unicamp.

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.  
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,  
por escrito, dos detentores dos direitos.

Impresso no Brasil.  
Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados a

Editora da Unicamp  
Rua Sérgio Buarque de Holanda, 421 – 3º andar  
Campus Unicamp  
CEP 13083-859 – Campinas – SP – Brasil  
Tel./Fax: (19) 3521-7718 / 7728  
[www.editoraunicamp.com.br](http://www.editoraunicamp.com.br) – [vendas@editora.unicamp.br](mailto:vendas@editora.unicamp.br)

# SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
<i>F. H. Jacobi e a descoberta das filosofias monistas</i> .....	7
<i>Espinosa contra Espinosa. O renascimento do espinosismo     pela pena de F. H. Jacobi</i> .....	10
<i>Recepção do espinosismo</i> .....	13
<i>Querela do panteísmo (Pantheismusstreit)</i> .....	24
<i>Crença e convicção: o saber imediato</i> .....	26
<i>Espinosismo às avessas</i> .....	29
SOBRE A TRADUÇÃO.....	37
SOBRE A DOCTRINA DE ESPINOSA EM CARTAS AO SENHOR MOSES MENDELSSOHN	
<i>Prefácio à terceira edição</i> .....	43
<i>Prefácio à primeira edição</i> .....	63
<i>Do prefácio à segunda edição</i> .....	67
PROPOSIÇÕES PRELIMINARES SOBRE A DEPENDÊNCIA E A LIBERDADE DO HOMEM.....	75
SOBRE A DOCTRINA DE ESPINOSA EM CARTAS AO SENHOR MOSES MENDELSSOHN.....	87
APÊNDICES ÀS CARTAS SOBRE A DOCTRINA DE ESPINOSA.....	175
Apêndice I.....	177
Excerto de Giordano Bruno de Nola, <i>Da causa, do princípio e do uno</i>	

Apêndice II.....	193
<i>Diócles a Diotima sobre o ateísmo</i>	
Apêndice III.....	201
Apêndice IV.....	205
Apêndice V.....	209
Apêndice VI.....	215
Apêndice VII.....	223
Apêndice VIII.....	235
NOTAS DE TRADUÇÃO.....	249

# INTRODUÇÃO

*Juliana Ferraci Martone*

## F. H. JACOBI E A DESCOBERTA DAS FILOSOFIAS MONISTAS

Friedrich Heinrich Jacobi (1743-1819) foi um dos personagens mais importantes do rico período intelectual alemão que compreende de meados do século XVIII ao início do XIX. Nascido em Pempelfort (Düsseldorf) em uma família burguesa, pôde dedicar-se não apenas à atividade filosófica, mas também a literatura, tradução, política e economia. Sem dúvida, um dos momentos mais significativos de sua formação intelectual foi o estudo em Genebra a partir de 1759, aonde fora enviado para aprofundar seu conhecimento sobre economia e comércio, pois seu pai desejava que ele assumisse os negócios da família, enquanto o irmão, o poeta e escritor Johan Georg (1740-1814), perseguia os estudos acadêmicos em Göttingen. Durante os dois anos que passou ali frequentando a universidade, seu interesse se voltava cada vez mais para a filosofia. É de fato nessa época que Jacobi começa a se dedicar avidamente à filosofia de maneira autodidata, motivado pelo ambiente intelectual suíço e pelo professor, o importante matemático e polímata Georges-Louis Le Sage (1724-1803), que o acolhe paternalmente e o incentiva a estudar filosofia. Esse encontro marcante é narrado pelo próprio Jacobi de maneira muito franca no diálogo *David Hume sobre a crença, ou idealismo e realismo*, de 1787.<sup>1</sup> Em Genebra, ele entra em contato com o epicentro do iluminismo europeu, aprofunda-se no conhecimento da filosofia e da literatura francesas e convive com alguns dos grandes nomes da época, frequentadores da casa de Le Sage. Desse mesmo período datam seus primeiros estudos sobre Leibniz e Espinosa.

Retornando a seu país natal, Jacobi exerce atividade econômica e, em 1774, é nomeado ao posto de membro da câmara de corte de Jülich e Berg (na atual Renânia do Norte-Vestfália) por Karl Theodor (1724-1799), príncipe regente do Palatinado e da Bavária. Sua responsabilidade compreendia, entre outras coisas, a administração e a reforma da tributação. No exercício de sua função, propôs reformas comerciais substanciais e publicou duas dissertações sobre política econômica e direito, intituladas *Rapsódias políticas* (1779) e inspiradas nas ideias de Adam Smith, além de outros textos de teor político, como as *Cartas a uma jovem dama* (1773).

No campo literário, Jacobi destacou-se também como escritor. Seus dois romances filosóficos tiveram grande êxito e são considerados os primeiros do gênero na Alemanha. A *Correspondência de Allwill*, romance em forma epistolar, teve sua primeira versão em 1775 e *Woldemar*, composto de narrativas e diálogos, bem caracterizado por Schlichtegroll como um *Konversationsstück* (“peça de conversação”),<sup>2</sup> foi publicado em 1779 com o título *Woldemar, uma singularidade da história natural*. De modo geral, a forma epistolar está presente na obra de Jacobi desde seus primeiros textos, fossem eles compostos de cartas reais ou fictícias, e evidencia uma escolha consciente pelo modo de exposição das ideias, isto é, um modo de expor particular e determinado, não abstrato ou sistemático, “rapsódico”, como ele próprio o descreve. No prefácio de *Allwill* (1792), reiteradamente citado por Jacobi em outras obras, é descrito esse particular modo de exposição: “se ele [Jacobi] quisesse comunicar suas convicções aos outros, tinha de pôr-se a trabalhar expondo”.<sup>3</sup> Anos depois, em 1819, no prefácio da presente tradução, ele repete suas antigas palavras:

desde a juventude, procurei com grande diligência encontrar uma expressão para meus pensamentos e minhas sensações que os preservasse o mais fiel e vivamente possível; pus-me a trabalhar *expondo*, não *podia* fazer diferente, não *queria* fazer diferente.<sup>4</sup>

Tamanha foi a importância de Jacobi em âmbito literário, filosófico e intelectual que, em 1807, ele é nomeado presidente da Academia de Ciências da Baviera. Ali, profere o discurso inaugural *Sobre sociedades ilustradas, seu espírito e sua finalidade*. Mas pouco depois, em 1812, se aposenta do cargo após uma turbulenta polêmica com Schelling, à época também membro da Academia,<sup>5</sup> e, por fim, falece em 1819.



Entre seus textos filosóficos destacam-se *Sobre a doutrina de Espinosa em cartas ao senhor Moses Mendelssohn*, o diálogo *David Hume sobre a crença, ou idealismo e realismo* (1787), a *Epístola sobre a filosofia kantiana* (1791), a *Carta a Fichte* (1799), o opúsculo *Sobre a tentativa do criticismo de reconduzir a razão ao entendimento e dar um novo desígnio à filosofia em geral* (1802), *Sobre as coisas divinas e sua revelação* (1811). Deve-se acrescentar a estes a correspondência que Jacobi manteve com alguns dos pensadores mais ilustres e interessantes da época, por exemplo, com J. G. Hamann – o “Mago do Norte” em Königsberg –, J. G. Herder, Goethe, Wilhelm von Humboldt, K. L. Reinhold, Wieland, entre tantos outros.

A multiplicidade de interesses e atividades de Jacobi se reflete também em suas obras e evidencia uma de suas características fundamentais: a valorização da vida prática, sempre repetida por ele ao se contrapor aos “filósofos da cátedra”. Disso resulta sua insistência em dizer que se tornou filósofo por acidente e foi escritor por ocasião, isto é, motivado por discussões concretas de sua época e por interlocutores determinados. De fato, esse é o caso da vasta maioria de seus escritos, que sempre visa a um interlocutor determinado, real ou fictício, e dialoga com os acontecimentos históricos de seu tempo. Em suas palavras,

E exatamente por isso meu modo de escrever teria um significado histórico universal independentemente de suas motivações e particularidades, e minha filosofia teria uma verdade histórica universal. Ele testemunha com o espírito para o espírito, com o coração para o coração, não quer colher figos dos espinheiros ou uvas dos cardos!<sup>6</sup>

Esse é também o caso do livro *Sobre a doutrina de Espinosa em cartas ao senhor Moses Mendelssohn*, cuja forma híbrida comprova a afirmação de Jacobi, como o leitor verificará por si mesmo, pois resulta da combinação de cartas a diversos participantes do debate sobre o espinosismo, respostas diretas às objeções feitas ao autor (apêndices), diálogos fictícios e reais. Ao mesmo tempo, é uma obra que expõe, como nenhuma outra, os temas centrais de sua reflexão filosófica que o acompanham até o fim e oferece um retrato fiel do escritor, do filósofo e do homem F. H. Jacobi.

ESPINOSA CONTRA ESPINOSA.  
O RENASCIMENTO DO ESPINOSISMO PELA PENA DE F. H. JACOBI

Expor a gênese do livro *Sobre a doutrina de Espinosa em cartas ao senhor Moses Mendelssohn* é um trabalho arqueológico de desvendamento dos muitos estratos que se sobrepuseram desde o seu nascimento. Em 1783, Jacobi menciona pela primeira vez a filosofia espinosana em cartas e, no mesmo ano, revela o espinosismo do finado Lessing a Elise Reimarus, em torno da qual orbitavam as mais importantes figuras do iluminismo, incluindo o próprio Mendelssohn. Em 1785 é publicada a primeira edição do livro, em 1789, a segunda, com diversos acréscimos e apêndices e, por fim, a edição de sua obra reunida (quarto tomo) surge em 1819 com um esclarecedor prefácio, que lança luz sobre toda a trajetória de Jacobi.

A camada mais profunda dessa história, desvelada por um estudo minucioso do epistolário jacobiano, evidencia claramente, por um lado, o trabalho conjunto de vários autores (Jacobi mobilizou numerosos interlocutores) e, por outro, o papel essencial da troca epistolar daquele final de século XVIII. Como de praxe na época, a correspondência não se restringia à esfera pessoal, mas era efetivamente um meio de difusão de ideias, uma verdadeira discussão pública *in privato*.

Ainda que o texto publicado permita vislumbrar a importância das cartas e alguns de seus interlocutores principais, como Elise Reimarus, Lessing, Moses Mendelssohn, Hemsterhuis, há uma série de pensadores de alto escalão não mencionados explicitamente, mas que figuram no epistolário e participam ativamente do debate sobre o sistema espinosano. Destaco, por exemplo, Herder, Hamann, Goethe, Lavater, T. Wizenmann, a princesa von Gallitzin, Kleuker e, indiretamente, por meio de Hamann, o próprio Kant. De fato, quando o livro é publicado, em 1785, não havia nada de novo para muitos dos expoentes do público letrado alemão, que já conheciam seu conteúdo quase integralmente.

Em junho de 1784, Jacobi esboça o que será o desenho final de seu livro ao responder a Herder, que lhe havia sugerido a publicação da conversa com Lessing sem nenhum acréscimo, sem nenhuma censura ao seu declarado espinosismo.

Nesse meio-tempo, refleti muito sobre como o seu desejo de publicar minha conversa com Lessing separadamente poderia ser satisfeito. Não gostaria de iniciar uma reelaboração de meu texto, pois me parece que ele chamaria mais atenção e encontraria mais credibilidade, enquanto história, tal como está agora, com suas motivações e circunstâncias. Além disso, sou um escritor muito pouco artístico e provavelmente essa reelaboração fracassaria.<sup>7</sup>

A preocupação com a história é um dos principais motores da atividade intelectual de Jacobi, e sua obra reflete exemplarmente o contexto no qual se insere. Efetivamente, a composição da primeira versão do texto consiste numa sequência de cartas organizada cronologicamente sem muitas modificações e com a omissão da identidade de alguns envolvidos, por exemplo, da própria Elise Reimarus, “uma amiga fiel de Lessing”, cujo pseudônimo é Emilie.

As *Cartas sobre a doutrina de Espinosa*, como foram abreviadamente denominadas, inauguraram sua carreira filosófica propriamente dita e fizeram dele um dos focos do debate filosófico daquele final de século. A história de seu surgimento e seu desenvolvimento é bastante complexa, pois compreende mais de três décadas de modificações e acréscimos (sobretudo mediante muitas notas de rodapé e apêndices) ao texto originalmente publicado em 1785. Todavia, segundo o próprio autor, as modificações durante suas três edições foram feitas sempre com a preocupação de não desfigurar o documento original, razão pela qual há bastantes notas de rodapé e comentários transversais ao *corpus* do texto. Certamente, a esta obra não caberia melhor designação, por um lado, porque documenta a polêmica real entre Jacobi e Moses Mendelssohn e entre os demais envolvidos; por outro lado, porque acompanha as mudanças históricas que a interpretação de Espinosa sofreu ao longo daqueles anos.

Devemos em boa parte a Jacobi que Espinosa tenha passado de “cachorro morto” (palavras de Lessing no diálogo para se referir à má acolhida do filósofo pela tradição) ou filósofo ateu excomungado a ídolo e modelo de perfeição filosófica; que o panteísmo identificado a ele tenha se tornado, segundo H. Heine, a “religião secreta” de toda a Alemanha do XIX.<sup>8</sup> Isso ocorre não tanto porque Jacobi se pronuncia a favor de Espinosa, mas sobretudo porque investiga seriamente seu sistema e o expõe “em sua verdadeira forma”.<sup>9</sup> As *Cartas* marcam um importante momento da história do pensamento alemão, primeiramente por suas próprias virtudes como texto filosófico de

grande fôlego e perspicácia ao apresentar a filosofia de Espinosa de modo profundo e detalhado, em segundo lugar porque ilustram tematicamente três importantes momentos concomitantes da filosofia da época: a hegemonia iluminista berlinense, batizada numa certa tradição leibniziano-wolffiana; as interpretações panteístas do espinosismo e a crescente importância da filosofia transcendental. A pesquisa especializada em Espinosa reconhece esse importante momento de renovação dessa doutrina; Mignini, por exemplo, afirma que a publicação das *Cartas* é “geralmente considerada, e não sem razão, um evento crucial na história do espinosismo, constituindo a primeira exposição pública do sistema de Espinosa ‘na sua verdadeira forma e segundo a conexão necessária de suas partes’”.<sup>10</sup>

Visto que cabe à história atribuir valor e determinar quais autores figuram no panteão da filosofia, dificilmente poderíamos imaginar como o interesse por Espinosa teria se desenvolvido sem a viva discussão propiciada pelas *Cartas*. E quem sabe até hoje Espinosa não teria permanecido um “cachorro morto”? Além disso, é digno de nota que o século XVIII alemão tenha rompido as barreiras colocadas pela religião e pela teologia a respeito das filosofias imanentes, monistas ou as denominadas filosofias do *hen kai pan* (do um e do todo), que pensaram um deus no mundo e eram desconsideradas ou proibidas por seu caráter herético. Não se podia falar delas publicamente sem ser seriamente acusado de ateísmo e sofrer duras consequências, um fato que se manifesta na motivação que fez nascer este livro: a discussão sobre a possível adesão de Lessing ao espinosismo.

Nesta obra, distinguem-se com bastante clareza a interpretação iluminista, cunhada na tradição wolffiana, um tanto vaga e depreciativa do espinosismo representada por Moses Mendelssohn, e a interpretação histórico-filológica de Jacobi, que, embora rejeite a doutrina de Espinosa como seu credo, a trata com grande precisão conceitual, recorrendo a todas as fontes bibliográficas, colocando-a no centro de um debate filosófico sério. As numerosas referências no texto revelam o quanto as obras espinosanas então disponíveis foram minuciosamente estudadas por Jacobi, a saber, a *Ética*, o *Tratado da emenda do intelecto*, o *Tratado político* e o epistolário, todos publicados no volume das *Opera posthuma* de 1677. Além disso, gostaria de destacar essa inegável peculiaridade da obra jacobiana, típica de um historiador da filosofia, de citar os textos comentados com precisão e fazer referências exatas aos documentos

e às fontes, um *modus operandi* incomum e raramente utilizado pelos seus contemporâneos; uma característica que retrata sua já mencionada visão *histórica* da filosofia, que será contraposta à ideia de uma filosofia transcendental ou racional-sistemática que prescinde da história empírica para construir seu sistema *a priori*.

O início da correspondência que origina a polêmica tem como ponto nevrálgico a declaração de que Lessing teria sido espinosano e o teria afirmado sem rodeios em uma conversa com Jacobi em Wolfenbüttel nos idos de 1780, suscitada pelo poema ainda inédito de Goethe, “Prometeu”.<sup>11</sup> Desse ponto de partida, o debate entre Mendelssohn e Jacobi supera a figura de Lessing e é ampliado à pergunta pelo sentido mesmo da filosofia espinosana, cuja interpretação está longe de ser consensual. Na realidade, não havia qualquer consenso acerca dessa filosofia entre o público letrado, e a recepção das *Cartas* demonstra quão pouco eram realmente conhecidas as obras do filósofo holandês.<sup>12</sup>

### RECEPÇÃO DO ESPINOSISMO

É preciso ter em mente que, na época, exprimir a convicção no espinosismo era tido como o mesmo que professar abertamente o ateísmo, já que uma longa tradição de Bayle a Wolff havia lançado uma luz funesta sobre o pensamento do filósofo da *Ética*. Pierre Bayle, que já o introduz nas primeiras linhas de seu *Dictionnaire historique et critique* como um “judeu de nascença, posteriormente desertor do judaísmo e, por fim, um ateu”, acrescenta que seu ateísmo era sistemático e que popularmente se chamava espinosano todo aquele que não tinha muita religião.<sup>13</sup> Leibniz afasta-se do espinosismo sobretudo em razão da supressão da liberdade e contingência, do absoluto determinismo causado pela admissão de uma “necessidade absoluta, metafísica ou geométrica”, e contrapõe a ela sua “necessidade hipotética” como garantia da liberdade.<sup>14</sup> Christian Wolff, por sua vez, afirma que o espinosismo não difere muito do ateísmo e suprime a possibilidade da religião, já que nega o verdadeiro Deus, isto é, o Deus que age livremente, possui suma sabedoria e governa este universo.<sup>15</sup> Apesar disso, é interessante que a primeira tradução em língua moderna da *Ética* seja justamente a alemã de J. L. Schmidt<sup>16</sup> em 1744, publicada em conjunto com a tradução da refutação do espinosismo pela pena de Wolff (*Theologia naturalis*,

1736-1737) e intitulada *Ética de Baruch de Spinoza*, refutada pelo célebre filósofo de nossa época, senhor Christian Wolff, traduzida do latim.

Mendelssohn, como bom continuador do wolffismo, não podia admitir que Lessing fosse estigmatizado como ateu, afinal, isso lhe traria problemas na qualidade de seu amigo íntimo – um fato publicamente conhecido –, bem como ao estreito círculo iluminista berlinense do qual fazia parte.<sup>17</sup> Hamann faz notar esse fato a Jacobi em dezembro de 1784: “Se o grande exemplo de Lessing causa tanta hesitação ali, deve parecer ainda mais evidente ver o próprio Mendelssohn ser acusado de um fanatismo ateu! Faltavam-me esses esclarecimentos para entender a insinuação recebida de Berlim”.<sup>18</sup> É natural, portanto, que o início da correspondência entre Mendelssohn e Jacobi seja marcado por uma hostilidade que se intensificará à medida que a discussão se desenrola.

O que inicialmente parecia ser uma mera contenda sobre a possível adesão de Lessing ao espinosismo e seu caráter torna-se uma investigação sobre essa doutrina e, de modo mais amplo, sobre as chamadas filosofias do *hen kai pan*, do um e do todo (*Alleinheit*), monistas e defensoras de um Deus intramundano, que conduziriam inevitavelmente ao fatalismo. Essa intenção mais ampla é bem retratada no Apêndice I, que consiste numa tradução parafraseada e resumida dos diálogos *De la causa, principio et uno* (1584) do filósofo nolano Giordano Bruno.<sup>19</sup> Introduzindo o conteúdo desse apêndice, Jacobi destaca sua intenção com ele:

Meu principal objetivo com esse excerto é, por assim dizer, expor em meu livro a suma da filosofia do “Ev και Πάν pela combinação de Bruno com Espinosa. [...] Difícilmente se poderia dar um contorno mais puro e belo ao *panteísmo em sentido amplo* do que aquele que traçou Bruno.<sup>20</sup>

Sem dúvida, essa divulgação dos diálogos brunianos é de vital importância, pois o filósofo nolano era pouquíssimo conhecido até então, menos ainda traduzido, e suas obras eram de difícil acesso.

Dito isso, percebe-se nitidamente que as *Cartas* não são apenas uma leitura da obra espinosana, mas também um estudo dos fundamentos do monismo e dos temas mais caros à Modernidade: causalidade, criação, certeza, ciência, cosmogonia e conhecimento humano são alguns deles. A importância deste texto não se reduz de modo algum a uma discussão sobre o espinosismo, indo muito além. As *Cartas* são uma clara tomada de posição do próprio Jacobi diante do debate de sua época.

É em 1783, por intermédio de Elise Reimarus, filha do filósofo Hermann Samuel Reimarus, autor dos *Fragmentos de um desconhecido de Wolfenbüttel* (*Fragmente eines Wolfenbüttelschen Ungenannten*), publicados anonimamente por Lessing, que Jacobi toma conhecimento das intenções de Mendelssohn de publicar um texto sobre o caráter e a obra de seu recém-falecido amigo e decide confidenciar a ela que o finado havia sido espinosano nos seus últimos dias.

Talvez você saiba e, se não sabe, confio-lhe aqui sob a rosa da amizade, que Lessing foi um espinosano convicto nos seus últimos dias. É possível que Lessing tenha exprimido essas convicções a vários outros e, assim, seria necessário que Mendelssohn evitasse certos assuntos por completo ou, ao menos, os tratasse com extrema cautela no monumento de louvor que quer erigir a ele. Talvez Lessing tenha se exprimido tão claramente ao seu querido Mendelssohn quanto a mim; talvez não, pois há muito tempo não falava com ele e escrevia cartas a contragosto.<sup>21</sup>

A notícia provoca grande alarde, e ela escreve imediatamente a Mendelssohn, que, chocado, quer mais detalhes sobre as circunstâncias em que o finado teria manifestado semelhante opinião. Em uma longa carta de novembro de 1783, Jacobi narra em detalhe como conhece Lessing em julho de 1780 em Wolfenbüttel, encontra-o novamente em agosto em Braunschweig, como dali o acompanha a Halberstadt e eles se hospedam na casa do poeta e amigo comum J. W. L. Gleim. Nesse contexto ocorrem as conversas que constituem o ponto de partida deste livro.

Ao tomar conhecimento do fato, Mendelssohn promete tratar da anunciada filiação de Lessing ao espinosismo na homenagem que pretendia escrever e adiar sua redação até que pudesse estudar Espinosa, os escritos de Jacobi (no meio tempo, Jacobi envia uma extensa exposição do espinosismo endereçada originariamente ao filósofo holandês Hemsterhuis) e se ocupar mais detidamente do assunto. Porém, após um período de longo silêncio e uma interrupção na correspondência, Jacobi descobre por meio de terceiros que Mendelssohn mudara de ideia e pretendia publicar um novo texto sem lhe dar direito de resposta, mas valendo-se dos manuscritos trocados entre eles, um uso que Jacobi já havia autorizado. Mendelssohn lhe escreve, desta vez diretamente, que fixaria o *status controversiae* em um novo escrito (*Morgenstunden oder Vorlesungen über das Daseyn Gottes*), até então no prelo.<sup>22</sup> Segundo narra Jacobi, essa foi a motivação que o impeliu a se apressar e publicar imediatamente as

*Cartas*: apresentar sua versão dos fatos. No trecho em que se justifica também transparece certo receio de ser considerado adepto do espinosismo, caso a disputa não fosse conhecida por inteiro, e ele observa que qualquer defesa de Espinosa se referia apenas à filosofia especulativa ou à metafísica pura, ou seja, apenas à argumentação e à coerência lógica.

Eu não poderia menos ainda permitir que um *status controversiae* fosse fixado, no qual caberia a mim representar, por assim dizer, o *advocatus diaboli* se não se conhecesse ao mesmo tempo toda a motivação da disputa que deveria ser encetada. Para mim, era extremamente importante que se soubesse exatamente em que sentido eu tomava o partido de Espinosa e que se tratava única e exclusivamente de filosofia especulativa contra filosofia especulativa, ou melhor, de *metafísica pura* contra *metafísica pura*.<sup>23</sup>

De fato, no diálogo com Lessing, Jacobi afirma que o sistema metafísico de Espinosa é absolutamente coerente e logicamente irrefutável do ponto de vista da mera filosofia especulativa ou da metafísica pura, mas que isso não significa que deva ser adotado sem reservas. Uma diferença que será crucial na discussão sobre a ideia de convicção: a filosofia que se escolhe não depende apenas de princípios lógicos ou racionais, que não geram convicção em ninguém, mas da crença, cuja certeza é de outra ordem. Apesar disso, o *Leitmotiv* da coerência especulativa do espinosismo torna-se tão popular que o encontramos repetido por diversos autores como uma espécie de lugar-comum. Herder, por exemplo, afirma que apenas o espinosismo é unívoco consigo mesmo e, embora suas sementes sejam antiquíssimas e estejam presentes de modo ainda mais puro nas mais nações antigas, Espinosa foi o primeiro que conseguiu combiná-las “de acordo com nosso modo”, isto é, num sistema.<sup>24</sup>

Em 30 de setembro de 1785, Jacobi encaminha o exemplar impresso das *Cartas* a Mendelssohn, que, logo em seguida, lhe envia suas *Horas matinais* (*Morgenstunden*) em 4 de outubro do mesmo ano. A publicação causa uma forte reação e Jacobi é prontamente condenado por ter dado ao público documentos pessoais e privados contra a vontade e sem a autorização de seu adversário, o qual confessa a Kant em 16 de outubro de 1785:

Mas não compreendo com que direito atualmente é tão comumente permitido tornar pública uma correspondência privada sem a solicitação e a aprovação por parte do correspondente. Além disso, Lessing teria lhe confessado, isto é, a Jacobi,



que ele jamais revelara seus verdadeiros princípios filosóficos a mim, seu amigo filosófico mais fiel há trinta anos.<sup>25</sup>

Quando, um ano depois, em 1786, Mendelssohn falece, Jacobi é acusado publicamente de tê-lo levado a uma morte precoce em razão da perturbação e da aflição que lhe causara. A polêmica começava com toda força. Por meio de cartas privadas e resenhas em revistas, pode-se ter uma boa ideia desse primeiro momento da repercussão das *Cartas*. Para citar apenas alguns exemplos, K. P. Moritz retrata Mendelssohn como “vítima da amizade”, mártir que não suportou ver manchada a honra do amigo Lessing e não resistiu. J. J. Engel escreve um prefácio ao opúsculo póstumo de Mendelssohn *An die Freunde Lessings* (uma resposta às *Cartas* de Jacobi) e acrescenta o relato médico de Markus Herz, a fim de traçar uma relação causal entre o resfriado que o levava à morte e a imprudência de Jacobi. Herz descreve minuciosamente os últimos dias de Mendelssohn, não sem dizer: “sua morte foi uma morte natural *rara*; um infarto causado pela fraqueza”,<sup>26</sup> implicitamente responsabilizando Jacobi. Ainda mais conhecida é a dissertação de Kant *O que significa orientar-se no pensamento?*, que a escreve praticamente coagido por Biester, editor da *Berlinische Monatsschrift*, a tomar o partido do iluminismo berlinense contra Jacobi, se não quisesse ver também sua filosofia arrastada na lama e acusada de fanatismo.<sup>27</sup>

Em suas *Horas matinais*, Mendelssohn defende um “espinosismo purificado” (*geläuterter Spinozismus*), uma espécie de doutrina panteísta em conformidade com a religião positiva, a fim de atenuar as acusações que recaíam sobre Lessing, caso a conversa de Jacobi com ele fosse tornada pública. O núcleo de sua argumentação é a constatação de que, se aceitamos a premissa “o uno é o todo e o todo é o uno” (*Eins ist Alles, Alles ist Eins*) que inaugura e funda o sistema espinosano, não há como combater Espinosa com suas próprias armas no interior de seu método geométrico. Por isso, é preciso questionar essas premissas e atacá-las simultaneamente como se fossem duas cabeças de uma hidra.

Distinguindo e desdobrando a noção de substância, Mendelssohn ressalta que, mesmo para uma filosofia não imanente, Deus é a única substância em sentido estrito. Ele separa o conceito de substância como (1) independência (*Selbständigkeit*) completa em relação a outro e a ideia de (2) subsistir por si mesmo (*Fürsichbestehen*). O único ser absolutamente independente é Deus,

porém as coisas singulares podem subsistir por si mesmas e simultaneamente dependerem de Deus, o que aproximaria o espinosismo das demais filosofias transcendentais.

Isto é, podem ser pensados seres que não subsistem meramente como modificações de um outro ser, mas que têm sua própria subsistência e são eles mesmos modificados. Acreditamos, com razão, poder atribuir uma substancialidade desse segundo gênero também a seres finitos e contingentes.<sup>28</sup>

Nesse caso, a disputa entre o monista e o transcendentalista seria uma simples disputa de palavras, uma disputa acerca da palavra “substância”.

Daí ele conclui que Espinosa prova apenas que o que é *independente* é uno (*Eins ist Alles*), mas não que o que subsiste por si mesmo é o uno (*Alles ist Eins*). Em outras palavras, ele teria demonstrado apenas que Deus, enquanto única substância independente, é o uno e o todo, mas não que os modos singulares formam uma única substância. “Em vez de demonstrar que a soma total de todo finito constitui apenas uma única substância independente, no final ele apenas aufere que essa soma deve depender da única substância infinita.”<sup>29</sup> Segundo ele, disso resultaria que o finito deve ter uma existência individual e, para formar o mundo objetivo, tem de ser exterior a Deus. Uma ideia evidentemente nada espinosana.

O problema é resumido por uma passagem da carta de Mendelssohn a Jacobi:

Mas a maior dificuldade que encontro no sistema de Espinosa está no fato de que ele quer fazer surgir o ilimitado do agrupamento do limitado... Se em todos os outros sistemas é difícil compreender a passagem do infinito ao finito, nesse sistema me parece absolutamente impossível o caminho inverso, do finito ao infinito intensivo.

É a mesma argumentação encontrada nas *Horas matinais*. Mendelssohn não compreende a relação entre *natura naturans* e *naturata*, essencialmente porque não compreende a simultaneidade dos atributos pensamento e extensão numa única substância e insiste em priorizar o pensamento, sem o qual a extensão não teria verdadeira unidade, seria *muitos* e não *una*, e não formaria uma totalidade. Para ele, ou as coisas finitas são um agregado reunido numa unidade

pelo pensamento (por um sujeito) ou são apenas indivíduos particulares isolados.

Com certa sutileza sofisticada, ele insinua que o panteísta, ou espinosano, não é tão diferente daqueles que defendem um Deus supramundano e um mundo fora de Deus, pois, no final, seria obrigado a admitir uma sequência de coisas finitas fora de Deus. Apagando, por assim dizer, as incompatibilidades fundamentais entre o monismo e qualquer tipo de doutrina transcendente, ele tenta salvaguardar a si mesmo e a Lessing, sugerindo que o espinosismo do falecido, afinal, não era contrário à religião, mas sim um espinosismo “purificado”. É de fato essa finalidade que Jacobi identifica no texto do adversário: “no momento presente, Mendelssohn precisava justamente de um espinosismo admissível, que pudesse ser purificado por um panteísmo ainda mais admissível e, em caso de necessidade, atribuído a Lessing”.<sup>30</sup>

Jacobi censura Mendelssohn sobretudo por não ter se dado o trabalho de confrontar suas ideias com o texto original de Espinosa e ter distorcido as noções fundamentais desse sistema. Ele explica que a relação entre todos e parte, infinito e finito ou ilimitado e limitado é de outra ordem. Além disso, a mencionada “passagem” do infinito ao finito é precisamente o problema de quase todos os sistemas modernos transcendentistas e aquilo que os coloca em contradição com eles mesmos. No monismo espinosano, ao contrário, toda passagem do infinito ao finito é rejeitada e, para Jacobi, a consciência dessa problemática é a pedra basilar dessa doutrina: *ex nihilo nihil fit* (nada surge do nada).

Mediante qualquer surgimento no infinito, não importa com quais imagens ou palavras seja dissimulado, mediante qualquer mudança no infinito *algo seria posto a partir do nada*. Portanto, ele censurou qualquer passagem do infinito ao finito; todas as *causae transitoriae, secundariae* ou *remotae*; e colocou um *En Sof* apenas *imane* no lugar do *En Sof* emanente, uma causa do mundo intrínseca, eternamente imutável em si mesma, que seria uma só e a mesma com todas as suas consequências tomadas em conjunto.<sup>31</sup>

No imanentismo, o problema da “passagem” não se coloca, pois todas as coisas singulares surgem imediatamente da substância, de sua forma e matéria (pensamento e extensão), de maneira mecânica, necessária e natural. Exatamente por isso essa doutrina é logicamente mais coerente do que os sistemas criacionistas, que têm de explicar uma criação divina a partir do

nada. Contudo, para Jacobi, a tentativa espinosana de esclarecer tudo natural ou mecanicamente fracassa. A razão disso se encontra minuciosamente desenvolvida no Apêndice VII.

Jacobi prossegue, dizendo que nenhum conceito de uma coisa singular realmente existente determinada pode estar em Deus considerado como infinito,

mas só pode estar em Deus e ser produzido por ele se uma tal coisa singular surgir atualmente nele e, com ela, seu conceito, isto é, esse conceito existe junto com a coisa singular uma única vez e, afora isso, não existe em Deus, nem ao mesmo tempo que a coisa, nem antes ou depois dela.<sup>32</sup>

Não há, como queria Mendelssohn, seres existentes individualmente fora do pensamento divino dotados de individualidade; essa é uma premissa de cunho leibniziano, da qual ele é incapaz de abstrair. Tampouco há um real específico no fundamento dos dois atributos divinos (pensamento e extensão), pois não são considerados cartesianamente como duas coisas existentes uma fora da outra ou duas existências particulares por si mesmas que, de algum modo, precisam estar interligadas. Pelo contrário, os atributos são apenas expressões da mesma substância, a única realmente existente e na qual tudo deve penetrar e se tornar uno. É essa mesma incompreensão de Mendelssohn que o levou a defender, muitos anos antes, a existência de uma espécie de harmonia preestabelecida em Espinosa, uma tese refutada pelo próprio Lessing.

O tom da discussão sobre a doutrina de Espinosa é claramente dado por Jacobi na correspondência, já que Mendelssohn de fato a conhecia muito superficialmente e não entende as explicações fornecidas pelo seu interlocutor – ele próprio afirma que quanto mais Jacobi lhe explica a filosofia de Espinosa, mais obscuro tudo lhe parece. Jacobi, por sua vez, defende como outros antes dele<sup>33</sup> que, apesar de sua coerência, o espinosismo culmina no fatalismo, pois nele não existem causas finais, vontade livre e nenhuma religião – o que, afinal, levaria ao ateísmo. Todavia é preciso diferenciar uma doutrina ateísta e um ateu. É interessante notar que Jacobi jamais declara que Espinosa tenha sido ateu *pessoalmente*; ao contrário, exalta-o por ter percebido muito mais a “verdade de Deus”, embora seu sistema seja equivocado, do que o partido dominante da época, os iluministas berlinenses, Mendelssohn entre eles. “*Eh, proh dolor...* Abençoado sejas, grande, santo *Benedictus!* Não importa como